

SOCIALIZANDO O REINTEGRACIONISMO: A EXPERIÊNCIA DA FUNDAÇÃO ARTÁBRIA

MAURÍCIO CASTRO

‘O
objectivo:
sermos capazes
de compactar
umha parte
significativa da
massa social
galegofalante,
nomeadamente
da gente nova”

Há algo novo a dizer no debate, construtivo e enriquecedor, que nos últimos meses envolve sectores sociais que de um jeito ou outro som pola normalização lingüística? A maior parte das pessoas que estão a intervir publicamente fano a favor de umha urgente modificação do padrom escrito galego como revulsivo para umha imprescindível reactivação normalizadora. Nessa direcção, tenhem-se apresentado um bom número de argumentos que, ao contrário do que em ocasiões anteriores, vincáram a conveniência sociolingüística mais do que a tese técnico-filológica. Igualmente, as pessoas que, com igual tom construtivo, defendêrom nestes meses publicamente a via isolacionista, argumentárom maioritariamente nessa mesma linha social, pedagógica, reconhecendo que a questom nom é simplesmente “ortográfica”. Neste senso, insistírom na dificuldade de o povo assumir um código tam diferente do espanhol, mesmo tam difícil ou identificado com umha outra nacionalidade, a portuguesa. É este, de resto, um argumento habitual em muitas das pessoas reticentes com o reintegracionismo nestas últimas décadas.

Por isso, considero de utilidade afrontar a negação desse preconceito, e para isso nada melhor que afirmar a validade da proposta reintegracionista com umha experiência normalizadora concreta que a demonstra: a representada pola Fundação Artábria.

Nos tempos que vivemos, marcados por umha importante e geral desmobilização social, a aposta normalizadora nom conta com umha importante implicação, ficando amiúde reduzida a iniciativas partidárias ou socialmente desarticuladas, e reduzidas quase sempre ao plano defensivo mais do que ofensivo no senso de procurar novos espaços realmente verificáveis de uso social.

Ante essa tendência imperante, o início do ano 1998 supujo em Ferrol umha novidade importante quanto às iniciativas normalizadoras de base. Para pôr em situação nos leia, lembremos que entre a gente menor de 26 anos, os galegofalantes habituais representam no Concelho de Ferrol 48%, percentagem que nas áreas urbanas do mesmo se vê reduzida a... 0%!!

■ **UM ESPAÇO PARA O MONOLINGUISMO.** Neste contexto, um reduzido grupo de pessoas –nom mais de vinte e cinco inicialmente– julgárom que a situação sociolingüística da cidade requeria de um projecto que tentasse fazer algo verdadeiramente sério pola língua. A ideia era clara: criar um espaço físico em que o monolingüismo em galego fosse umha realidade. A fórmula foi-se desenhando aos poucos, e acabou concretizando-se num

Centro Social de trescentos metros quadrados situado numha rua cêntrica e formado por umha cafeteria, umha sala de actos, biblioteca, sala de aulas, obradoiro e vários quartos cedidos a organizações sociais da comarca. O objectivo: sermos capazes de compactar umha parte significativa da massa social galegofalante, nomeadamente da gente nova, com o fim de reforçá-la e fazê-la crescer de dentro para fora, favorecendo assim a presença do galego no centro mesmo da cidade.

O próprio processo de construção das instalações, protagonizado nos meses seguintes por já umhas quarenta pessoas, permitiu ir conformando um grupo humano que serviu de motor do projecto. Fôrom muitas as horas de trabalho desinteressado que permitírom embaratecer tam custosa como ilusionante empresa, que por certo nom contou com qualquer apoio institucional ou subsídio oficial.

Por fim, em 18 de Setembro de 1998, o Centro Social da Fundação Artábria foi oficialmente inaugurado. Nom entrarei em pormenores sobre os muitos problemas –económicos, organizativos, administrativos,...– que tivemos e temos que afrontar nestes meses. Apenas quero dar umha visom real dos resultados obtidos: na actualidade superamos já os 230 sócios e sócias, numha cidade caracterizada por umha fraca participação no tecido associativo; todos os meses celebramos umha média de dous concertos de todo o tipo de música, mas sempre com letras em galego, garantindo um espaço aos grupos de moços e moças que apostam por veicular a sua criação musical na nossa língua; organizamos conferências de todo o tipo de temáticas, cedendo as instalações também para que outras entidades as utilizem; recitais poéticos, actuações de magia, exposições de fotos e pintura, cursos estáveis de baile tradicional e de salom, de desenho e pintura, de gaita, de malabares, de língua,... um grupo dedicado a recuperar e celebrar as festas tradicionais da comarca que toma parte com umha comparsa própria no entroido dos diversos concelhos; a edição de até hoje dous livros; a intervençom social com iniciativas ou denúncias relacionadas com a situação da língua,... som algumas das actividades que dia a dia dam conteúdo a um projecto que apenas começou a desenvolver-se, contendo em si umha grandé potencialidade de futuro. E todo isso, tendo sempre o galego como veículo de expressom e reivindicação explícita.

Nom é que neste tempo conseguíssemos modificar a tendência desgaleguizadora dominante na cidade, objectivo que requer mais do que umha experiência como a nossa. Mas, de facto, criamos esse espaço de reforço para a mocidade ga-

legofalante e temos exemplos concretos de pessoas com nomes a apelidos que, graças à existência de Artábria, hoje falam habitual ou exclusivamente galego. Alguém duvida da importância desse só facto?

■ **PROPOSTA REINTEGRADA.** E assim chegamos ao ponto sobre o que quereria fazer fincapé: o facto de o conjunto de actividades desenvolvidas polo Centro Social da Fundação Artábria se desenvolver nom só em galego, mas também em galego escrito seguindo as normas propostas pola Associação Galega da Língua (AGAL), em galego reintegrado. Sem que isso suponha qualquer impedimento para afiançarmos a proposta normalizadora que Artábria representa.

Nós perguntamo-nos onde estão esses terríveis problemas de socialização do reintegracionismo, referidos por alguns para assumir a castelhanização do nosso idioma, e por outros para adiar *sine dia* a prática reintegracionista consequente.

Em Artábria nom só nom vemos tais problemas, senom que mesmo verificamos o carácter motivador de umha proposta gráfica que favorece a autoestima do galegofalante ante umha norma oficial que consagra a renúncia à história e, o que é mais grave, a um futuro cada vez mais questionado polos dados oficiais referidos ao uso do nosso idioma nas gerações mais novas, as que aprendêrom “esse galego tam fácil e pedagógico” nas escolas.

Pola nossa parte, temos claro que o preconceito da “pedagogia social” é apenas isso, um preconceito. Por isso, animamos a que os sectores responsáveis pola reforma ortográfica reclamada cada vez por mais galegas e galegos, assumam a sua responsabilidade histórica e favoreçam um acordo que reoriente o padrom lingüístico na direcção do reintegracionismo, e sobretudo para que se admita a discrepância e se deixe de marginalizar quem nom partilha a norma imposta.

Nom dizemos que o reintegracionismo por si mesmo vaia normalizar lingüisticamente a Galiza. Cumpre também que cada vez mais sectores do nosso povo apostem activamente por dar ao galego o papel que lhe corresponde nesta sociedade, e cumpre que nos demos conta de que nengum governo ou legislação poderám suplantir o protagonismo popular nesse processo. Mas a filosofia isolacionista já demonstrou, nas últimas décadas, o pouco que podia dar de si como proposta normalizadora do corpus. É urgentíssima umha mudança de rumo. ♦